

ENFOC / 2002

ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE COORDENADORES

DEJ AME

19 DE JUNHO DE 2002

CONFLITOS E QUESTÕES DA ADOLESCÊNCIA

* Toda fase do desenvolvimento humano é marcada por conflitos tanto de ordem interna (sentimentos , emoções) como de ordem externa (modificação corporal , cobranças sociais...) logo , a adolescência não é a única fase de conflitos e dificuldades do ser humano , pois estamos nos modificando desde nossa infância , porém passa a ser a mais perceptível , e incômoda para alguns pois é a fase em que as sensações estarão em “aberto” , muitas mudanças acontecem ao mesmo tempo e dribla -las sem a total estruturação física ou emocional é uma das tarefas em que o espírito mais vai tentar se empenhar para se estruturar nessa encarnação.

* Os espíritos nos dizem que é na adolescência que o espírito volta a ter toda a dimensão moral de sua bagagem espiritual , que os anos de infância foram anos de esquecimento justamente para que a educação dos pais e do meio pudessem formar uma base onde mais tarde o espírito na redescoberta de suas habilidades e inclinações tivesse onde se apoiar para fazer suas escolhas e traçar seus novos caminhos. Dessa forma podemos ver que não serão somente as mudanças físicas e hormonais que estarão se evidenciando nessa fase, mas também a plenitude do espírito que estará se “acomodando” a sua nova vida.

* Segundo Piaget toda modificação de fase na vida é marcada pelo conflito , que ele irá chamar de crise , e que essa crise será necessária de acontecer pois é no desarrumar da casa que os móveis poderão voltar a ser colocados no lugar. Diz ainda que aqueles que não passam pelo conflito no tempo certo , tendem a vivenciá-lo mais tarde , o que só dificulta as coisas pois cada fase da vida irá ter seu próprio conflito. Logo não precisamos nos atormentar demais com as crises comuns à adolescência como se fosse um bicho de sete cabeças, e sim poder compreendê-la e auxiliar aquele espírito da melhor maneira possível , entendendo que conflitos são comuns à nossa vida e que a intolerância só dificulta seus entendimentos. Nesse propósito citaremos algumas das questões mais comuns da adolescência para podermos observar esse universo caótico mais de perto.

1) Busca de Si mesmo e da identidade:

Nesse momento muitas perdas estão acontecendo para o adolescente, e a principal delas será a perda de um corpo infantil ao qual ele estava acostumado e que não o solicitava sexualmente para um corpo em transformação. Outra perda será a dos pais da infância idealizados e perfeitos para o encontro com pais imperfeitos e que podem falhar. O adolescente começa a perceber a mudança e o conflito se faz presente quando ainda quer o colo e a dependência dos pais (que foi o que ele viveu na infância) mas sabe que também já consegue perceber outras coisas e quer vivenciá-las . Daí a instabilidade tão comum nessa fase entre dependência e independência dos pais. Isso é o que a psicologia chama de luto dos pais idealizados e que será necessário no desenvolvimento do adolescente para que ele encontre a sua identidade e não uma identidade projetada pelos pais , daí a agressividade dirigida aos pais comum nessa fase , numa tentativa de abandonar o que se conhece para se criar algo novo. Para os pais esse momento é extremamente doloroso pois o adolescente vai apontar que eles não são perfeitos e, na tentativa dos pais de não quererem ver essa falta redobram as exigências em cima dos filhos o que vira um ciclo difícil para a comunicação e o diálogo.



Identidade negativa: É preferível ser alguém perverso , indesejável a não ser nada, a não ter uma identidade.

Despersonalização: Estranheza frente aos familiares , diante das modificações físicas e das dificuldades com esse corpo o adolescente não se sente igual aos seus pares adultos ou infantil que existam em sua família.

2) Tendência Grupal:

Se transfere ao grupo grande parte da dependência que se mantinha com a família e os pais , na tentativa de se identificar com os iguais.

Líder: No fenômeno grupal o adolescente procura um líder no qual submeter-se , ou torna-se ele mesmo um líder para exercer o poder de pai ou de mãe.

Tolerância do Grupo: Diferentemente da família o grupo aceita condutas de desafeto , de crueldade , de indiferença , de falta de responsabilidade , onde o adolescente irá exercendo essas características sem a repressão dos pais.



3) Necessidade de intelectualizar e fantasiar:

O adolescente recorre aos pensamentos para compensar as perdas que ocorrem dentro de si mesmo e que não pode evitar. Esse é um tipo de defesa para contornar o mal; estar interno.

Fuga: A fuga do mundo interno permite um ajuste emocional , surgem as grandes idéias criativas, a vontade de salvar o mundo , as intensas atividades literárias e artísticas e as formas de expressão internas passam a ser externas , expressas no mundo.

Crítica: A crítica adolescente se torna bastante acentuada nesse momento , pois ele vai querer desbancar tudo o que se mostra poderoso e intransigente com argumentação e perguntas "difíceis".



4) As crises religiosas :

Nesse momento o adolescente pode se manifestar como um ateu exacerbado ou um místico muito fervoroso. Isso concorda com a situação mutável e flutuante do seu mundo interno. É por isso também que nos grupos de mocidade há uma flutuação de participantes , e que às vezes há um afastamento de membros engajados e que não querem mais participar do serviço na mocidade ou na própria casa espírita.



5) Sexualidade:

Nesse momento há a evolução do auto - erotismo (infantil) onde as descobertas eram feitas apenas em seu próprio corpo até à heterossexualidade , percebe-se então um oscilar permanente entre as atividades de caráter masturbatório e o começo do exercício genital. Ao ir aceitando a sua genitalidade , o adolescente inicia a busca do parceiro e do contato com este para completar as suas descobertas. O apaixonamento desmedido do adolescente também revela a transição desse amor incondicional dos pais para outros objetos de amor , que entram na relação adolescente com



muita força já que agora a questão sexual se faz presente e o corpo já pode responder aos estímulos que lhe são dados.

6) Constantes Flutuações do humor e do estado de ânimo:

Um sentimento básico de ansiedade e depressão acompanhará permanentemente o adolescente por estar tentando se adaptar às modificações e ser feliz com elas. A ansiedade aparece quando o tempo para o adolescente é sempre o presente e imediato, as coisas tem de ser realizadas com urgência, o que causa muita angústia e exasperação.

As mudanças de humor são típicas da adolescência e é preciso entendê-las sobre a base de mecanismos de projeção e luto, para tentar a elaboração do que se não compreende, ao falharem essa tentativa de elaboração tais mudanças de humor aparecem como micro-cries hora de exaltação, hora de depressão.



7) Bibliografia:

- 1) Livro: Adolescência Normal
Autor(a): A. Aberastury e M. Knobel Editora: Artes Médicas
- 2) Livro: Diário de uma adolescente
Autor(a): Maria Mariana
- 3) Livro: O livro dos Espíritos (Cap. VII "Da volta do espírito à vida corporal)
Autor: Allan Kardec Editora: FEB
- 4) Livro: Renovando Atitudes (Espírito Hammed)
Autor: Francisco do Espírito Santo neto Editora: Boa Nova
- 5) Livro: SOS Família (Joana de Ângelis e outros espíritos)
Autor: Divaldo Pereira Franco Editora: Alvorada

Dinâmica de grupo

Conceito

"Dinâmica de grupo" é expressão usada pela primeira vez por Kurt Lewin em 1939 como objeto de investigação, visando o maior conhecimento da origem, natureza e evolução dos grupos, assim como da atuação dos indivíduos sobre eles e deles sobre os indivíduos, e da influência das coletividades, sociedades e culturas.

Segundo Pierre Weil, a Dinâmica de grupo é um ramo de conhecimento específico sobre o comportamento em grupo e tem como problemas centrais os que se referem aos processos de grupo.

Na realidade a Dinâmica de grupo é confundida com as técnicas grupais utilizadas para exposição de alguns textos, alguns conteúdos. Ela exige uma formação mais especializada para a sua coordenação pois engloba uma visão interdisciplinar de diversas áreas de conhecimento e de procedimentos que não é possível para qualquer pessoa. Além disso é preciso algumas características específicas para ser um coordenador de Dinâmica de grupo que devem ser inerentes ao coordenador.

Contudo, no caso de aplicação de técnicas de dinâmica de grupo existe uma flexibilidade maior para o manuseio delas com possibilidade de adaptação dessas aos conteúdos a serem passados. Mesmo assim existem fatores que devem ser observados como o tipo de técnica a ser aplicada, os objetivos a serem alcançados com a dinâmica, o número de pessoas envolvidos no evento e principalmente se aquele que se propõe a promover o evento está apto a executar o exercício.

Para aqueles que estão dispostos a enfrentar o trabalho com um grupo, segue abaixo algumas dicas de comportamento que o coordenador deve adotar para que tudo transcorra com maior facilidade.

- Abandonar a "pose de chefe";
- Reprimir o desejo de "ditar ordens";
- Dizer coisas do interesse do grupo, se desejar ser escutado;
- Fazer o grupo participar ativamente dos planos e decisões;
- Ser cordial e compreensivo, sem artificialismo;
- Analisar as situações difíceis, começando por analisar suas próprias atitudes;
- Ter confiança no grupo: o jovem é capaz de muitas coisas valiosas, desde que o deixemos aprender a desempenhar-se por si mesmo;
- Ter paciência se nas primeiras reuniões nem tudo sair bem;

- Estimular a comunicação horizontal em todo o grupo, a interação deve funcionar entre orientador - grupo e grupo - grupo;
- Intervir quando seja indispensável;
- Exercitar a arte de saber escutar;
- Lembrar que as relações humanas se regem, antes de mais nada, pelos sentimentos;
- Analisar suas próprias dificuldades: é preciso que o orientador se sinta seguro de si mesmo; tanto o domínio e a serenidade como o nervosismo ou a insegurança contagiam o grupo;
- Lembrar que o procedimento de cada técnica necessita de seu espírito de iniciativa, engenho, criatividade, interesse e confiança na técnica que aplica;
- Ter capacidade e habilidade de adaptar-se aos diferentes grupos, assim como à técnica que vai empregar; não há receita única para quem trabalha com pessoas;
- Utilizar as técnicas depois de conhecê-las perfeitamente em sua estrutura, dinâmica, possibilidades e riscos;
- Começar das técnicas mais simples para as mais complexas.

SINAL AMARELO

O motorista ao dirigir um carro toma certas decisões para fazê-lo. Algumas delas fazem parte de um grupo de automatismos que não possibilitam um momento de reflexão, de parada, um exemplo bem claro disso é o semáforo, nele o vermelho representa uma ordem de parada, o verde uma ordem de passagem e o amarelo é uma dúvida. Para alguns o amarelo pode ser passado, para outros é uma preparação para o ato de parar, até mesmo existe a dúvida se é amarelo ou laranja a cor que está no semáforo.

Por traz desse exemplo, pode-se visualizar a questão da liderança nos conjuntos teóricos, discutir-se uma conceituação de liderança, o que um líder faz e o que se precisa para ser um líder. Nesse momento aparece o sinal amarelo. Pode-se duvidar de um manual prático para ser um líder, pois a questão da liderança não parte de uma qualidade daquele que quer ser um líder, mas sim de um estado, um momento onde certas características próprias individuais possibilitam uma integração com um determinado grupo, que manifesta no candidato a coordenador de grupo um comportamento de liderança.

Assim, pode-se pensar que as características dos coordenadores variam e que dependendo do "ambiente" grupal elas podem se manifestar como um impulsionador do grupo. Ao mesmo tempo, o perfil de um líder descrito pela literatura especializada em grupos não dá segurança de que esse forneça um bom funcionamento grupal.

Alguns tipos de pessoa dentro do grupo podem se colocar como entraves desse funcionamento mesmo tendo características que de alguma forma podem ser bem utilizadas no grupo. Nesse momento o orientador pode levantar a seguinte pergunta "que atitude tomar no sinal amarelo"?

Para responder essa pergunta pode-se usar outro sinal de trânsito, existente nas linhas férreas: PARE, OLHE, ESCUTE. Esta é a dica para uma atitude acertada em relação ao grupo envolvido por um ambiente negativo de liderança, pois o problema pode estar nos participantes mas também naquele que está coordenando o grupo. Pode-se tomar outros cuidados como a visualização de certos tipos como citados abaixo:

Tipos de participantes que o orientador deve observar

Tipos:

O eterno perguntador - pergunta para atrapalhar. Deseja saber sua opinião. Deseja que você apóie o ponto de vista dele.

O sabe-tudo - quer exhibir-se. Quer impor sua opinião. Às vezes está bem informado, mas outras vezes é simplesmente um tagarela, convencido de saber tudo.

O tagarela - fala de tudo e sem parar, exceto do assunto em questão. Cansa, em geral os interlocutores.

O do contra - gosta de discutir e de dar o contra sempre, mas às vezes, é um bom sujeito descontrolado, revoltado talvez por dificuldades pessoais.

O mudo voluntário - não se interessa por coisa alguma. Considera-se acima das questões discutidas, achando-as simples de mais, ou sente-se incapaz de abordá-las por considerá-las muito elevadas.

O tímido - não tem coragem ou habilidade para expressar suas idéias. Teme que a crítica e o julgamento "duro" dos outros, necessita de ajuda.

O obstinado (idéia fixa) - ignora sistematicamente o ponto de vista alheio. Não cede. Nada quer aprender com os outros.

O legal - sempre pronto a ajudar. Seguro de si. Não foge as dificuldades. Encara esportivamente. Sabe aceitar os colegas como são. Recebe sem melindres as críticas que lhe fazem.

O homem dos apartes - é dispersivo, distrai os outros. Pede apartes para falar do assunto ou de outra coisa.

O pedante - trata o grupo com altivez. Não se integra nele. Critica duramente os outros e se coloca num pedestal.

O aberto - não se faz de rogado para manifestar-se sua opinião. Diz o que pensa. É bem humorado, fala com simplicidade e se torna simpático a todos.

O introvertido - é naturalmente modesto. É prudente e reservado.

Atitude do orientador de cada tipo:

O eterno perguntador: devolver a pergunta ao grupo. Não tomar partido; manter-se neutro.

O sabe-tudo: dar uma função para que fale. Evitar que domine o grupo. Levar o grupo a julgar suas objeções. Interrompa-o dizendo: "é um detalhe interessante, mas vamos ver o que os colegas pensam disso". Lançar uma pergunta difícil para imitá-lo.

O tagarela: cortar delicadamente o "discurso" que faz, dizendo que sua observação é interessante, retornando o assunto através de uma pergunta.

O do contra: acalmá-lo. Não deixar que o grupo se excite. Procurar tratar de outro assunto. Dizer que os problemas individuais serão resolvidos, depois em particular. Dar mérito a alguma de suas observações.

O mudo voluntário: buscar sua participação através de um assunto que ele saiba. Se é do tipo "superior", peça sua opinião, indicando o valor que o grupo dá a sua experiência, mas não exagerar para que o grupo não se ressinta. Dar destaque na 1ª vez que falar.

O tímido: fazer-lhe perguntas fáceis. Fazer com que o grupo valorize sua participação.

O obstinado: passe o seu ponto de vista para o grupo. Conduza-o a compreender que a maioria está certa. Peça para aceitar, por um instante o ponto de vista do grupo.

O legal: usa-lo em momentos oportunos. Não exagerar sua participação.

O homem dos apartes: fazer-lhe uma pergunta direta sobre o que está acontecendo.

O pedante: não ferir sua suscetibilidade. Não o critique, use a técnica duvidosa sim mas concordar, mas depois ponderar conduzindo-o à reflexão.

- O aberto:** usá-lo quando houver tensão no grupo.
- O introvertido:** procure integrá-lo lentamente, sem que ele perceba.

Algumas referências bibliográficas:

- ALCANTARA, Alcides de. A dinâmica de grupos e sua importância no ensino. 3ª. edição. - Rio de Janeiro. SENAI/DN/DRH, 1997.
- MINICUCCI, Agostinho. Técnicas do Trabalho de Grupo. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.
- MINICUCCI, Agostinho. Dinâmica de Grupo: Manual de Técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1997.
- ANDREOLA, Balduino A. Dinâmica de Grupo: Jogo da vida e Didática do futuro. Petrópolis: Editora Atlas, 1997.
- YOZO, Ronaldo Yudi K. 100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. São Paulo: Editora Ágora, 1996.

Como Fazer um Estudo?

1) Introdução

- ✓ Por que fazer um estudo?
"Poetas nascem, oradores se fazem".

2) Fontes de Estudo e Bibliografia

- ✓ Como achar estas fontes?
 - i. Vade Mecum Espirita
 - ii. Prontuário das obras de Kardec
- ✓ Dicionários
- ✓ Livros
 - i. Pentateuco Kardequiano.
 - ii. Obras de Francisco Candido Xavier.
 - iii. Obras de Divaldo Pereira Franco.
 - iv. Obras de José Raul Teixeira.
 - v. Outras obras subsidiárias de autores reconhecidos.
- ✓ Revistas
 - i. O reformador
 - ii. O médium
 - iii. Superinteressante
 - iv. Galileu
 - v. Outras revistas
- ✓ Musicas
 - i. Músicas Espíritas
 - ii. Músicas não Espíritas
- ✓ Internet
 - i. Sites Espíritas
 - ii. Vade Mecum Espirita na Internet:
 - iii. Livros Espíritas em formado pdf.
- ✓ Mensagens
 - i. Livros de Mensagens
 - 1. Minuto de sabedoria
 - 2. Vida Feliz

3) A Exposição

✓ Como Falar?

- i. Fale com calma sem pressa, você não está narrando uma corrida de cavalos.
- ii. Procure usar palavras ao nível da sua plateia, mas não faça uso de gírias.
- iii. Procure identificar os seus vícios de linguagem (né, tá...) e vá eliminando-os aos poucos.
- iv. Se você optar por beber água durante o estudo não faça isso no meio de frases ou de uma linha de raciocínio.

✓ Tempo da exposição

- i. Deve ser calculado de acordo com o tempo da reunião de mocidade. Geralmente algo entre 50 minutos e 1 hora.

✓ Organização da Exposição

i. Introdução

1. Aproximadamente 15 minutos
 - a. História
 - b. Dinâmica
 - c. Mensagem
 - d. Apresentação do tema
 - e. Levantamento de perguntas

ii. Desenvolvimento

1. Aproximadamente 35 minutos
 - a. História
 - b. Dinâmica
 - c. Mensagem
 - d. Trabalhos em grupo
 - e. Textos
 - f. Resposta às perguntas levantadas

iii. Conclusão

1. Aproximadamente 10 minutos
 - a. História
 - b. Mensagem
 - c. Fechamento do tema
 - d. Resposta às perguntas levantadas.

4) Toques Finais

- ✓ O nervosismo é normal, mas se você realmente se preparou ele passará logo no início do estudo.
- ✓ Quando não se tem muita prática o mais simples é mais fácil de executar por isso não complique.
- ✓ Materiais didáticos, como retroprojetor, só usá-los se você tiver segurança em manuseá-lo.